

PENSAR O (im)PENSÁVEL



INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ E PUCPRESS
DEBATEM A PANDEMIA COM

PETER BURKE

**+ ANTHONY GIDDENS E
SOULEYMANE BACHIR DIAGNE**
#PARTÊ 2



Instituto
Ciência e
Fé PUCPR

PUCPRESS

Pensar o **(im)pensável**

INSTITUTO CIÊNCIA E FÉ E PUCPRESS
DEBATEM A PANDEMIA COM

PETER BURKE

**+ ANTHONY GIDDENS E
SOULEYMANE BACHIR DIAGNE**

#PARTE 2



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo

SOBRE OS CONVIDADOS

Anthony Giddens é um sociólogo britânico e ex-diretor da *London School of Economics and Political Sciences*.

Souleymane Bachir Diagne é um filósofo senegalês e historiador da lógica matemática. Professor na Universidade de Columbia, em Nova York.

Peter Burke é um historiador britânico, professor emérito de História Cultural na Universidade de Cambridge, Inglaterra.

SOBRE OS CURADORES

Fabiano Incerti é filósofo, professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Diretor do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

Douglas Borges Candido é filósofo, doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUCPR e Especialista do Instituto Ciência e Fé PUCPR.

TRADUÇÃO

Eduardo Portanova Barros é doutor em Comunicação Social pela PUCRS, tradutor brasileiro e autor de *Truffaut: o homem que amava o cinema*.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Revisão de texto: Elisama Nunes. Projeto gráfico e diagramação: Indianara de Barros.

Como historiador da cultura, quais são os traços culturais que demarcam o nosso tempo?

Começando pelo mais óbvio: em primeiro lugar, a globalização, tanto econômica quanto cultural. Em segundo lugar, um *cluster*¹ de mudanças tecnológicas que inclui PCs, Internet, digitalização, *smartphones* e a ascensão das mídias sociais.

Como historiador cultural, sempre me preocupo em situar o presente, como o vivenciamos, no contexto das mudanças no longo prazo, muitas delas graduais e ocorrendo sem que a maioria de nós tenha consciência delas. A globalização é uma dessas tendências: vem se acelerando desde os anos 1990, promovendo um vigoroso debate. Porém, se a definirmos como conexões crescentes entre diferentes partes do mundo, a globalização vem, de fato, acontecendo há milênios de anos com o aumento do comércio (via Rota da Seda, Mediterrâneo etc.) e, mais rapidamente ainda, quando os habitantes da Europa e das Américas descobrem-se mutuamente, depois de 1492. Mas essa mudança social e cultural é, relativamente, lenta, mesmo em tempos de revolução como as de 1789 ou 1917.

Por outro lado, algumas mudanças tecnológicas acontecem, às vezes rapidamente, como, por exemplo, a disseminação das ferrovias ou da eletricidade e, mais recentemente, as mudanças que mencionei antes: PCs nos anos 1980,

As a cultural historian, what are the cultural traits that mark our time?

To begin with the most obvious: in the first place, globalization, both economic and cultural. In the second place, a cluster of changes in technology that includes PCs, the Internet, digitization, smartphones and the rise of social media.

As a cultural historian, I am always concerned to place the present, as we experience it, in the context of long-term changes, many of them gradual and taking place without most of us being aware of them. Globalization is one such trend: it has been accelerating since the 1990s, leading to a vigorous debate, but if we define it as increasing connections between different parts of the world, it has been going on for millennia with the rise of trade (via the Silk Road, the Mediterranean, etc) and more rapidly when inhabitants of Europe and the Americas discovered one another after 1492. Social and cultural change is relatively slow, even in times of revolution such as 1789 or 1917.

On the other hand, technological change sometimes happens rapidly – the spread of the railways, for instance, or of electricity, and more recently, the changes mentioned above – PCs in the 1980s, the Internet in the 1990s, Facebook/YouTube/Twitter in the 2000s, etc. The two traits and trends have interacted, supporting each other, since the technologies have promoted

¹ Espécie de “aglomerado computacional”. Computadores interligados, em outros termos, para aumentar a eficácia dos sistemas nas chamadas TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Internet nos 1990, Facebook/YouTube/Twitter dos anos 2000 etc. Estes dois traços e tendências acabaram interagindo, apoiando-se mutuamente, a partir do momento em que as tecnologias promoveram a comunicação em todo o mundo, ao passo que a globalização econômica ajudou no sucesso das novas tecnologias.

Com todas as evoluções alcançadas pelo campo das tecnologias de informação e comunicação, o que nós humanos nos tornamos?

Como sempre acontece no caso de grandes mudanças, existem custos e benefícios, bem como vencedores e perdedores. Por um lado, as tecnologias (dos machados de pedra ao Skype) são, como na famosa sentença de Marshall McLuhan, “extensões” dos humanos, “empoderando” os usuários. Por outro lado, suas consequências, muitas vezes não intencionais, e, às vezes, até mesmo “perversas” (no sentido oposto do que era esperado), ameaçam-nos de diferentes maneiras: perda da privacidade, vulnerabilidade quanto às novas formas de crime e *fake news*, problema que tratamos abaixo.

Se, de uma maneira breve, pudéssemos construir uma história das pandemias que a humanidade já enfrentou, o que de mais peculiar, em cada um desses momentos, você destacaria?

Sabemos que as pandemias não são nenhuma novidade. Pode-se até dizer que a humanidade teve sorte desta vez, já que as pandemias anteriores foram muito mais destrutivas, como a peste bubônica no século 14, a varíola no México e no Peru no século 16, a cólera no século 19, a “gripe espanhola” em

communication across the world, while economic globalization helped the new technologies to succeed.

With all the developments achieved in the field of information and communication technologies, what do we humans become?

As so often in the case of major changes, there are costs and benefits as well as winners and losers. On one side, technologies (from stone axes to Skype) are, as Marshall McLuhan famously remarked, ‘extensions’ of humans, empowering the users. On the other hand, their consequences, often unintended and sometimes ‘perverse’ (in the sense of the opposite of what was expected) threaten us in different ways – loss of privacy, vulnerability to new forms of crime, and the ‘fake news’ problem that you raise below.

If, in a brief way, we could build a history of the pandemics that humanity has already faced, what is most peculiar, in each of these moments, would you highlight?

Right, pandemics are nothing new and it might even be said that humanity has been lucky this time, since earlier pandemics have been much more destructive – bubonic plague in the 14th century, smallpox in Mexico and Peru in the 16th century, cholera in the 19th century, the ‘Spanish flu’ in 1918. A major common feature is the combination of fear with ignorance, not knowing how the pandemic spreads, whether the disease can be cured or not and if so, how. What is most remarkable this time is the speed with which the vaccines were produced and in

1918. A grande marca comum é a combinação do medo com a ignorância, sem sabermos como a pandemia se espalha, se a doença pode ser curada ou não e, em caso afirmativo, como, então. O que mais chama a atenção agora é a rapidez com que as vacinas foram produzidas e, em alguns lugares, distribuídas. Demorou séculos para aprendermos como responder à peste e à varíola, décadas para descobriremos como a cólera se espalhou, mas, por outro lado, apenas alguns meses, desta vez, para os pesquisadores descobrirem vacinas eficazes. Apesar de todas essas mortes, tomando-as de um ponto de vista comparativo, a humanidade teve sorte, repito, embora essa “sorte” esteja ligada, na verdade, à experiência dos pesquisadores e aos fundos e recursos que os apoiaram.

Como explicar, do ponto de vista da História, o surgimento e o “sucesso” das Fake News?

Palavra nova, fenômeno antigo. Como sempre, a mídia exagera no contraste entre o passado e o presente. No século 19, a expressão era “relatórios falsos”, incluindo a disseminação deliberada de boatos falsos. Em 1814, por exemplo, o boato, espalhado deliberadamente, de que Napoleão estivesse morto, fora seguido por um aumento no preço das ações na Bolsa de Valores de Londres e lucros para aqueles “boateiros”. Um termo anterior, datado da Revolução Francesa, era *propaganda*². Nos séculos 16 e 17, tanto a “simulação” quanto a “dissimulação” dos governantes europeus foi discutida sob a

some places, distributed. It took centuries to learn how to respond to plague and smallpox, decades to discover how cholera spread – and just a few months this time for researchers to discover effective vaccines. Despite the deaths, from a comparative point of view humanity has been lucky this time, though the ‘luck’ is actually the expertise of researchers and the funds that supported them.

How to explain, from the point of life of History, the emergence and ‘success’ of Fake News?

New word, old phenomenon. As usual, the media exaggerate the contrast between past and present. In the 19th century, the phrase was ‘false reports’, including the deliberate spread of false rumours. In 1814, for instance, the rumour, deliberately spread, that Napoleon was dead, was followed by a rise in the price of shares on the London Stock Exchange, and profits for the rumour-mongers. An earlier term, dating from the French Revolution, was ‘propaganda’. In the 16th and 17th centuries, the ‘simulation’ and ‘dissimulation’ of European rulers was discussed in print (among others, by Machiavelli). Another word is older, still, ‘lies’. In short, fake news is not new. What is new is the way in which it is propagated. Rumours, transmitted orally, moved more quickly than we can easily imagine, but they have been overtaken by rumours on social media, transmitted at a single click to so many people in so many places. The problem – an old one, but now more urgent than ever – is the credulity of so many receivers of the news. The credulous need to be taught to be critical. Schools need to teach pupils that when they receive a message – on the

² Preferimos manter o termo no original em inglês, por uma questão estilística. Termo esse, aliás, que é similar no português.

forma impressa (entre outros, por Maquiavel³). Outra palavra é ainda mais antiga: “mentiras”. Em suma, as *fake news* não são novas. O que é novo é o modo como elas se propagam. Boatos, transmitidos oralmente, movem-se mais rápido do que podemos facilmente imaginar, mas eles foram superados por fofocas nas redes sociais, transmitidas com apenas um único clique, para milhares de pessoas, em vários lugares. O problema — antigo, mas agora mais preocupante do que nunca — é a credulidade desses milhares de destinatários das notícias. O ingênuo precisa ser ensinado a ser crítico. E as escolas precisam ensinar aos alunos que, quando eles recebem uma mensagem — no entorno das cidades, na TV, nas redes sociais —, eles precisam se perguntar quem, no fundo, está enviando isso e por quais motivos? Eles também precisam saber como verificar notícias importantes em sites de checagem de fatos.

O que a pandemia deve(ria) nos ensinar?

O que todos os desastres nos ensinam: esteja preparado. Um estudo sobre o furacão Katrina, por exemplo, intitula-se: “Não existem desastres naturais”. Isso se dá pelo fato de que o erro humano e a irresponsabilidade fazem parte da história. Furacões são previsíveis em algumas partes do mundo. Logo, os governos (nacionais e locais) precisam manter defesas contra enchentes, etc. Assim como existem defesas contra pandemias — roupas de proteção,

walls of cities, on TV, on social media – they need to ask Who is sending it and for What Purposes? They should also know how to verify important news on fact-checking sites.

What should the pandemic teach us?

What all disasters teach us: be prepared. A study of hurricane Katrina is entitled, ‘There’s no such thing as a natural disaster’, since human error and irresponsibility is part of the story. Hurricanes are predictable in some parts of the world, so governments (national and local) need to maintain flood defences etc. There are also defences against pandemics – protective clothing, sufficient numbers of doctors and nurses, funding for research. Let’s hope that governments have learned their lesson this time!

What is the role of Universities in times of pandemic?

To carry on, especially teaching online. In the short term, to carry out research into ways of saving lives, preventing the spread of the pandemic. In the longer term, training the experts who will advise governments the next time a pandemic strikes.

What are the consequences of ignoring history?

The American philosopher George Santayana once remarked that ‘Those who cannot remember the past are condemned to repeat it’. His point is particularly clear in the history of war. Hitler repeated Napoleon’s mistake in invading Russia without supplying the troops with winter clothes. The British mistakes

³ Niccoló Maquiavelli (1469-1527), autor de “Il Principe” (“O Príncipe”), livro escrito em 1513 e publicado em 1532. Talvez seja um dos primeiros tratados de Ciência Política de que tenhamos notícia. É uma espécie de manual de conduta para governantes. Dedicou-o a Lorenzo II de Médici.

número suficiente de médicos e enfermeiras, financiamento para pesquisas. Esperemos que os governos tenham aprendido a lição desta vez!

Qual o papel das Universidades em tempos de pandemia?

Seguir em frente, principalmente ensinando on-line. No curto prazo, pesquisar maneiras de salvar vidas, prevenindo a propagação da pandemia. No longo prazo, treinar os especialistas que vão aconselhar os governos da próxima vez que estourar uma pandemia.

Quais as consequências de se ignorar a História?

O filósofo americano George Santayana observou, certa vez, que “[...] aqueles que não conseguem se lembrar do passado estão condenados a repeti-lo”. Seu ponto é particularmente claro na história das guerras. Hitler, por exemplo, cometeu o mesmo equívoco de Napoleão ao invadir a Rússia sem fornecer roupas de inverno para suas tropas. Os erros dos britânicos na invasão do Afeganistão, em 1839, por sua vez, foi sua notória ignorância em combater nas montanhas, e que foram repetidos pelos russos em 1979. Reza a lenda de que os britânicos apresentaram um embaixador russo com a história da guerra anglo-afegã, a respeito da qual ele teria murmurado: “Vai ser diferente desta vez”. Não foi. Os americanos não se lembraram do passado e cometeram alguns dos mesmos erros depois da invasão em 2001. Hegel teria dito: “Aprendemos com a história o que não aprendemos com a história”. Isso tem sido verdade, com bastante frequência, mas não precisa ser assim!

in their invasion of Afghanistan in 1839, notably their ignorance of mountain warfare, were repeated by the Russians in 1979. There is a story that the British presented the Russian ambassador with a history of the Anglo-Afghan war, on which he growled, ‘It will be different this time’. It wasn’t. The Americans did not remember the past and made some of the same mistakes after they invaded in 2001. Hegel is supposed to have said, ‘We learn from history that we do not learn from history’. This has been true all too often, but it does not need to be!

Would social isolation, forced by the pandemic period, have resingnified the history of everyday life?

In the short term, the everyday life of many people has changed thanks to isolation, work at home, travel bans, curfews, closure of shops, bars, libraries, theatres, etc. But we should remember that for a substantial number of people, older people living by themselves, isolation was already normal. The big question is whether the return to normal will be the old normal or a new normal. Bearing in mind the need to expect the unexpected, my own guess is a mixture of the two. Economies will bounce back, even if some businesses will have disappeared, but where the consequences of the pandemic push us in a direction that society was already going, there will be a new normal – more work at home, more teaching online, fewer flights abroad, etc.

O isolamento social, forçado pelo período pandêmico, teria ressignificado a história do cotidiano?

No curto prazo, a vida cotidiana de muitas pessoas mudou devido ao isolamento, ao trabalho em casa (*home office*), ao banimento das viagens, ao toque de recolher, ao fechamento de lojas, bares, bibliotecas, teatros etc. Mas devemos lembrar, por outro lado, que, para um número significativo de pessoas, como idosos morando sozinhos, por exemplo, o isolamento já era normal. A grande questão é se o retorno ao normal será um antigo normal ou um novo normal. Tendo em mente a necessidade de esperar o inesperado, meu próprio palpite é uma mistura dos dois. As economias vão se recuperar, mesmo se algumas empresas tenham desaparecido. Mas, para onde as consequências da pandemia nos empurram, pensando nessa direção que a sociedade já estava tomando, haverá uma nova normalidade — mais *home office*, mais ensino on-line, menos voos para o exterior etc.

Em sua opinião, qual deve ser o papel da educação para o século 21? Qual o lugar das Humanidades ?

Se você não se importa falarei do papel das universidades. Não me sinto qualificado para falar sobre educação como um todo e esse é um grande tópico por enquanto. Não devemos pensar que o mundo estava indo de certa forma e, então, a pandemia apareceu e mudou isso. Quase o oposto é verdade. A pandemia é moldada e, em certo sentido, codificada. As enormes transformações que vêm ocorrendo em nosso mundo, muitas delas se comprimem em um período de duas ou três décadas, e isso vale para a própria educação universitária. Me parece que as universidades também não estão apenas sendo transformadas pela educação em geral, mas pela pandemia. Embora, de repente, haja um forte impacto, mas devido à natureza do vasto mundo. Então, há todos os tipos de pioneirismos, intercâmbios educacionais, porque, é claro, agora você pode falar com qualquer pessoa, em qualquer lugar. E, na maior parte, parece ser gratuito. Esse será um período de inovação no Ensino Superior; como pode ser nos níveis de educação que o precedem. Temos que ver, enquanto estamos vendo o amplo mundo do trabalho, quais das mudanças que estão acontecendo agora permanecerão e quais não. Meu sentimento é que as universidades são diferentes, em países diferentes, mas elas podem intercambiar bastante e todas essas mudanças serão positivas, mas também haverá lutas. Se não estou enganado, nos últimos três meses fiz pales-

In your view, what should be the role of education for the 21st century? And what place is there for the humanities?

Well, if you don't mind I'll stick to the role of universities. I don't feel qualified to talk about education as a whole and that's a huge topic for now for a single question. I think you can say, if you take the point, which I'm making, that is, don't just think the world was going along in some sort of way then the pandemic came along and changed this. Almost the opposite is true. The pandemic is shaped by and in some sense caused by. The huge transformations that have been going on in our world many of them compressed within a period of two or three decades, and this is true of university education itself. Universities are, also, I think, not just being transformed by education in general by the pandemic. Although, suddenly, there's a strong impact, because of the nature of the wide world. So, then all sorts of pioneering education exchanges, because, of course, you can now talk to anyone, anywhere. And, for the most part, it appears to be free. So, then you know, this will be a period of innovation, I think, in higher education. As it might be in lower levels of education too. We have to see, as we're doing the wide world of work, which of the changes happening now, will stay around and which will not. My feeling is universities are different, in different countries, but they can exchange quite a lot and quite a lot of that change will be positive, but also struggles there will be too. But, I think in the last three months I've given speeches in ten countries or something like that. You know

tras em dez países, ou algo em torno disso. Você sabe, você não fazia isso antes. E algumas dessas coisas certamente ficarão por aí, se tornarão parte da pesquisa.

Devemos olhar para o futuro das universidades e considerar que há nas instituições de pesquisa vocação para a colaboração entre universidades e institutos de pesquisa — como eu disse antes, um papel realmente fundamental para a criação de vacinas para a Covid-19, por exemplo. Então, minha teoria é, sim, estamos ficando mais flexíveis, há mais oportunidades, e isso inclui as estruturas das universidades também. Tenho convicção de que as Humanidades terão um papel fundamental. Não serão apenas ciências, pois as Humanidades sempre foram fundamentais por causa do papel da imaginação, do papel da história, do papel da autorreflexão. Porém, o que não devemos permitir é que uma divisão entre as ciências e as humanidades se torne muito forte, acentuada demais. As universidades, agora, vão olhar para si mesmas e terão muitas inovações sobre como se sustentar e se transformar para abrir tributo e se encaixar nesse mundo em transformação dramática.

Como a pandemia terá impacto sobre o problema central de nossa era — como lidar com a mudança climática?

Um aspecto que me parece interessante de considerar é que as possibilidades que envolvem a situação atual — e isso remete à ideia de um mundo de maiores oportunidades, de alto risco — estão profundamente emaranhadas. Acho que a mudança climática é o problema mais fundamental que a humanidade enfrenta

you didn't do that before. And some of those things, I think, will certainly stick around, become part of the research. The way you look at future universities you have to also, consider that in the research institutions and the collaboration between universities and research institutes, as I said earlier on, a really fundamental role in the creation of vaccines. So, my theory is, yeah, we have to be more flexible, more innovative, and that will include structures of the universities too. We're living towards what I said in the beginning, which is being transformed, not just by the pandemic, but universities, at the core of that. But, I think the humanities will have a key role, it will not just be sciences, as humanities have always had a key role because of the role of imagination, the role of history, the role of self-reflection. One of the key things, we must not do is allow a division between the sciences and humanities to become too strong, I think. But universities now will look at themselves and they will, I think, have a lot of innovations about how to sustain and transform themselves to open tribute and fit into this dramatically transforming world.

How will the pandemic impact on perhaps the core problem of our age - how to cope with climate change?

Yes, as I said earlier, an aspect I think the possibilities involved in the current situation and it goes back to the idea of higher opportunities high-risk world, these things quite deeply entangled. Because I think, climate change is the most fundamental problem that humanity faces, at this point, because we've never had to live with human-induced climate change on a large scale. After all, it simply didn't happen in previous gener-

nesse momento. Nunca tivemos que viver com motores a combustão e mudanças climáticas em grande escala porque simplesmente não aconteceram nas gerações anteriores. Você está falando sobre a transformação nacional feita, e você está falando sobre algumas mudanças que em algum momento, não há como voltar. Neste ponto, me parece, nós voltamos ao tema do fim do neoliberalismo, porque esse é essencialmente o esgotamento desse sistema como uma teoria econômica norteadora, mesmo que alguns dos seus aspectos sobrevivam. Há um retorno massivo ao governo proativo, que é necessário em grande parte por causa dos aspectos destrutivos da pandemia, mas que deve ser acoplado à questão central das mudanças climáticas e outras questões centrais, como reconstruir os serviços médicos, reconstruir um governo confiante, reconstruindo a confiança e algo como um Estado justo. Este é um mundo muito, muito diferente, e se você olhar para o pacote de estímulo que Biden colocou em prática, é muito semelhante ao acordo verde europeu. Claro, a China já tem uma atitude muito proativa em termos de envolvimento do Estado. A China declarou que chegará ao estágio zero (de poluição) em 2060, que é uma grande ação e extremamente importante.

Volte ao início, apenas enfatize que viver o mundo no limite da história é um grande desafio para todos nós, mas há uma transformação estrutural muito profunda da política envolvida aqui. Você poderia, e eu não levaria esse argumento longe demais, dizer que a pandemia de algumas maneiras teria sido funcional para a humanidade, injetando urgência, injetando uma prática para ficar, injetando construção verde,

ations. You're talking about the actual transformation of nature, and you're talking about a set of changes which at some point, there's no way back. So, you know, at this point, I think, you do return to the theme of the end of neoliberalism because I think, this is essential, the end of neoliberalism as a guiding economic theory, even though aspects of it because aspects are important of stressful freedom and imagination. There's a massive return to proactive government, which is necessary for some large part, because of the destructive aspects of the pandemic, but which must be coupled to the core issue of climate change and other core issues such as rebuilding medical services, rebuilding entrusting government, rebuilding trust and something like a welfare state. This is a very, very different world and if you look at the stimulus package, which Biden has put into place, is pretty similar to the Green Deal in the EU. Of course, China already has a very proactive attitude in terms of state involvement. China has declared that it will reach Net Zero by 2060 Which is huge, I think, hugely consequential because China does tend to do these things. Tends, whatever the limitations of Chinese society, of culture. It's extraordinary what has been achieved in China, of forty years, with the involvement of China in leadership we could have a transformational of economic and wider impetus in the economy. Of course, you have to see how these things were worked out in practice. This is, I just add this to principle in life. When you get to the end of one issue, and then back to the beginning, just emphasize living the world off the edge of history, is just a huge challenge for all of us, but there is a very deep structural transformation of policy involved here, I think. You could,

saúde e sistemas de trabalho. De certa maneira, acredito, injetou uma nova pressão fria entre as nações. Obviamente, existem muitas condições em contraste, mas, no entanto, algo parecido está acontecendo em torno da área de mudança climática. A COP 26 acontecerá em Glasgow. A Escócia participa há vinte e seis anos de encontros internacionais na ONU. Isso é o mais importante, provavelmente, que já foi realizado. E para mim, há uma emergência climática nessas frases corretas, deve ser o que Montreal está trabalhando com mudanças climáticas. Mudanças climáticas em áreas onde não há como voltar. Até certo ponto, e já que estamos falando de acadêmicos aqui, quero mencionar que o pacto de escavação para mim é feito pelo pessoal de Peter Wadhams... Ele é um dos maiores especialistas do mundo sobre o Ártico e um de seus livros é sobre o derretimento do Ártico e, até certo ponto, também a Antártica. Ele também é um exemplo do porquê estamos avançando e não há caminho de volta. Porque temos apenas duas ou três décadas pela frente para tentar reverter algumas das quantias gigantescas que pesam sobre todos nós.

Você foi conselheiro do Primeiro-Ministro Tony Blair e atualmente é um membro ativo da Câmara dos Lordes, do Reino Unido. Que tipo de liderança política é necessária em um mundo que luta para se recuperar do impacto da pandemia da Covid 19?

Eu listaria uma série de características. Primeiro, precisamos de líderes com visão; precisamos de líderes que não estejam apenas interessados e consumidos pelas questões e problemas cotidianos da política doméstica, mas que sejam

I wouldn't push this argument too far, but you could, perhaps, say, the pandemic in some ways would have been functional to humanity after all and injected urgency, injected a pro-active state, injected rebuilding, health and welfare systems. It has to some degree, I think, injected new cooperation between nations. There are many, many conditions in contrast, but something like that happening around the area of climate change. COP 26 is happening in Glasgow and this country is probably that means twenty-six years of international meetings and hospices of the UN.

This is the most important COP, probably, that has been held. And to me, there is a climate emergency. I think that phrase is correct, I spent a fair amount of my career working on climate change and wrote a book about it if you remember and you know climate change, there is no way back beyond a certain point, and since we're talking academics here I want to mention, that made a big impact on me is by Peter Wadhams, that's W-A-D-H-A-M-S, Peter Wadhams which is called, A Farewell to Ice, he is one of the world's greatest experts on the artic and the book is about the melting of the artic and to some extent, and also Antarctica. It is also an example of why we're moving towards and no way back. Why we only have two or three decades in front of us to try to revoke some of the gigantic amounts of hongs on all of this.

You were an adviser to Prime Minister Tony Blair and an active member of the House of Lords in the UK today. What kind of political leadership is needed in a world struggling to recover from the impact of the Covid 19 pandemic?

capazes de responder com uma visão mais ampla. Não estou apenas falando de cidades e países, mas com o resto do mundo nessas mudanças gigantescas em que estamos envolvidos. Em segundo lugar, me parece que realmente eles devem ter uma visão global. Podemos apenas pensar no impacto da guerra digital, por exemplo. Levamos a discussão sobre *Fake News*, examinamos questões de tentar lidar com o enorme poder de gigantescas corporações distritais e do enorme poder de grandes Estados, como a China. Em termos digitais, não tivemos que lidar com esses problemas nas gerações anteriores. Precisamos de líderes que entendam tudo isso. Precisávamos de líderes com conhecimento do papel do governo ativo. Como eu disse, é o fim do neoliberalismo. Acredito que como um guia para a Filosofia empírica, você terá a grande escala, não apenas o retorno do Estado, mas o retorno do governo proativo — espero com a colaboração geopolítica.

Precisamos também que eles entendam o que significa globalização. Globalização não significa apenas sua dependência; significa um novo mundo emergindo que está sendo desenhado para você. Digamos que você seja um migrante em Londres ou no Japão. Um migrante britânico no Japão pode pegar o telefone e falar com sua família em casa. Você pode vê-los, eles podem vê-lo e, aparentemente, de graça. Que tipo de mundo é esse? Você sabe, precisamos de líderes que entendam se é possível o tipo de questões que estão transformando nosso mundo diante de nossos olhos e nós entramos em muitos detalhes para a política local, bem como para a política global. Por fim, precisamos de líderes que mudem suas agendas. Isso pode ser muito problemático.

Well, I would list a series of characteristics. I mean, we would hope for leadership, which reflects on the issues I discussed earlier in the interview, and has a positive response to them, if you're thinking of what kind of leaders we need, I would describe the following things. First, we need leaders with vision; we need leaders that are not just interested in and consumed by the everyday issues and problems of domestic politics, but who can respond with the larger vision. I'm not just, of the specific countries, but of the wider world on these just gigantic changes that we are all emerged in. Second, I think every leader must have a global outlook and this is true not for the issues we just discussed in the interview, but just because of the sheer questions for the rest. We can just take the impact of digital war, for example. You take the discussion about fake news, take issues of trying to deal with the enormous power of gigantic digital corporations, the enormous power of large-scale states, such as China, and digital trends. These issues in previous generations have not had to deal with. We need leaders who got some understanding of all that, I think. We needed to knowledge the role of active government. As I said, this is the end of neoliberalism. I think as a guiding political philosophy as you'll have the large scale, not just the return of the state, but the return of proactive government, hopefully, meshed in geopolitical collaboration, hopefully, anyway. We need leaders who understand what globalization means. Globalization doesn't just mean interdependence, it means a new world emerging that I tried to sketch in for you before our eyes, which every country, doesn't matter how small, has caught up with this, I think. So, as citizens, because, if you

Alguns líderes estão começando a fazer isso e espero que Joe Biden seja esse líder. Que, como presidente, ele encontre alguém trabalhando com ele e, com certeza, o mundo vai fazer o mesmo porque, como eu digo, essas mudanças climáticas não têm volta. É uma situação que a partir de um certo ponto se enreda com outras mudanças que estamos tendo que enfrentar. Volte à minha posição original, no entanto, não sou pessimista, mas acredito na noção de maiores oportunidades, sociedade de maior risco. E, portanto, tenho uma visão positiva da atualidade e não de simplesmente condenar a natureza.

Você vê a Pandemia como uma janela de oportunidade para a América Latina redescobrir um papel mais amplo do Estado em linha com a filosofia política e econômica da Terceira Via?

Se eu começar com a parte final dessa questão da terceira via, houve um tempo em que nos referíamos a essas mudanças em seus estágios iniciais. Muitas pessoas na política não entendiam o termo “terceira via” e isso tornou-se muito simplificado, foi sendo usado e abusado pela mídia. Na verdade, nesse ponto, quando você produz ideias que são assumidas na política, elas tendem a se estreitar e o contexto real da política é, portanto, mal compreendido. Parei de usar o termo “terceira via” porque ficou muito simplificado na imprensa. Mas isso remete a todas as coisas de que estou falando porque em cerca de vinte anos algumas dessas mudanças estavam na sua infância. Mas o tema principal era na verdade um mundo em mudança e, acredite ou não, quando comecei a falar sobre o ressuscitar do termo terceira via, foi na década

think, let's say you're a migrant in London, let's say from Japan or vice-versa, a British migrant in Japan, you can pick up your phone, you can speak to your family back home. You can see them; they can see you and apparently for nothing. What kind of world is that? You know, we need leaders who understand if it's possible the sort of issues which are transforming our world before our eyes and which go into the very details for local politics as well as global politics. And finally, we need leaders who put local climate change at the very top of their agendas. And this is deeply problematic. Some leaders are starting to do that, and I hope Joe Biden will be such a leader. I hope the vice-president, she will find a way to work with him and the world will do the same, because, as I say, with climate change, there's no way back situation on the certain point no one can say whether this certain point is and then it meshes with the other changes we are having to confront. I would go back to my original position, however, I'm not pessimistic, but I believe in the notion of higher opportunities, higher risk society. And, therefore, I have a positive view of the current era, not simply a condemnatory one.

Do you see the Pandemic as a window of opportunity for Latin America to rediscover a wider role of the State in line with the Third Way political and economic philosophy?

Well, if I start with the end part of that question of the third way there was a time, which we referred to these changes in their early stages. I mean, many people in politics did not understand, I think, the term third way and it became kind of simplified and then even abused just

de noventa. Para se ter uma ideia, o termo globalização foi cunhado apenas na década de oitenta. Lembro-me de quando me envolvi na política e tentei falar aos líderes mundiais sobre o tema globalização e eles disseram “o quê?” E depois que o descobriram sempre me perguntavam e não conseguia fazê-los parar de falar sobre globalização. Mas a terceira via tornou-se, infelizmente, apenas observada e caracterizada na, e pela, imprensa. Então, não uso mais esse termo, mas a mesma estrutura ainda é aplicada — você deve compreender o mundo em mudança, a fim de desenvolver uma filosofia política substancial e eficaz acontecendo ainda hoje, realmente.

knowing. But I, when I was working with Tony Blair and well with Cardoso, and many leaders around the world, at that point when you produce ideas that are taken up in politics, they tend to get narrowed down and the actual context of politics is, therefore, misunderstood, sir. I stopped using the term the third way because it got so simplified in the press. But it goes back to all things I'm talking about because in twenty or so years some of these changes were in their infancy. But the main theme of it was a world in change and believe it or not, when I first started talking about resurrecting the term third way, it was in the nineteen nineties and you might not realize this, but the very term globalization was only coined in the nineteen-eighties. I remember when I first got involved in politics and I tried to tell world leaders about the notion of globalization, and they said what? And then what is that. I'm not saying it was because of me, but then it not only a little while later you couldn't stop people talking about globalization. But the third way, became, I think, just bizarrely characterized in the press so I don't use that term anymore, but the framework applies. You must understand the world in a change to develop substantially to develop left to center political philosophy. That task is still on going today.

Aproveitando a sua resposta à minha pergunta, que tocou no tema da religião ou da filosofia da religião, é possível dizermos que, até mesmo antes da pandemia, já era possível avistar uma onda crescente da religiosidade? Não necessariamente vinculada aos laços religiosos, mas no sentido de uma religiosidade sem necessariamente uma confessionalidade?

Eu concordo com o que você coloca e a forma com que o faz. Você está usando a palavra certa — religiosidade ou, também, espiritualidade ou desejo de busca por ela. Acredito que nós temos testemunhado essa busca ou desejo de espiritualidade para conferir significado, e que transcende o viver como queremos nesse mundo. Em me lembro que eu tive uma conversa sobre esses temas com alguns colegas e que fiquei sabendo recentemente que vai se tornar um livro organizador pelo meu amigo Charles Taylor. Me parece que sempre houve um querer, uma busca pela transcendência, mas isso foi acentuado pela pandemia.

O mundo tem visto cenas inacreditáveis. O Papa Francisco fazendo a bênção *Urbi et orbi*, na praça São Pedro completamente vazia. Ou a Kabah, o lugar de peregrinação dos muçulmanos, onde vimos aquele espaço vazio, fechado. Essas foram imagens impactantes e importantes para refletirmos sobre o ser humano e a religião. O significado humano da religião me parece algo importante. A religião que coloca a vida humana em primeiro lugar e nos faz entender que ela (a religião) é para o ser humano. Não é algo que caiu dos céus de um Deus distante, comandando e ordenando que nos juntemos etc. Aprendemos

Taking advantage of your answer to my question, which touched on the theme of religion or philosophy of religion, is it possible to say that, even before the pandemic, it was already possible to see a growing wave of religiosity? Not necessarily linked to religious ties, but in the sense of a religiosity without necessarily a confessionality?

I agree with what you put and how you put it. You are using the right word - religiosity or, also, spirituality or a desire to search for it. I believe that we have witnessed this search or desire for spirituality to give meaning, and that it transcends living as we want in this world. I remember that I had a conversation about these topics with some colleagues and that I learned recently that it will become an organizing book by my friend Charles Taylor. It seems to me that there was always a desire, a search for transcendence, but this was accentuated by the pandemic.

*The world has seen unbelievable scenes. Pope Francisco making the *Urbi et orbi* blessing, in St. Peter's Square completely empty. Or Kabah, the place of pilgrimage for Muslims, where we saw that empty, closed space. These were impactful and important images for us to reflect on the human being and religion. The human meaning of religion seems to me to be something important. The religion that puts human life first and makes us understand that it (religion) is for human beings. It is not something that fell from the skies of a distant God, commanding and ordering us to join etc. We learn to create community without being together physically.*

a criar comunidade sem estarmos juntos fisicamente. Aprendemos a exprimir nossa espiritualidade de diferentes maneiras, mesmo isolados como ficamos com a pandemia.

Eu preciso dizer que a atitude do Papa Francisco foi muito saudável. Num país como o meu, o Senegal, onde 95% da população é de muçulmanos e 5% de católicos, de certa maneira, o fato de que, desde o início, o Papa Francisco tomou a atitude correta e disse “sem cultos”, “sem celebrações presenciais”, isso foi muito útil. Outras religiões também tiveram uma atitude prudente. O islã, por exemplo, que também decretou o fechamento das mesquitas por motivos de saúde pública e, assim por diante, se tornou mais fácil a partir do exemplo do Papa. Com essa atitude, ele foi (e ainda é) um líder religioso e político, sem sombras de dúvida. Mas eu sou parcial em comentar sobre esse assunto e sobre o Papa Francisco, pois eu gosto muito dele (risos).

Que elementos da cultura e da filosofia africana não podem ser deixados de lado no momento em que estamos vivendo?

Destaquei em alguma resposta anterior a palavra *ubuntu*, como um elemento importante da cultura africana que pode nos ajudar a repensar o nosso modo de existir no mundo agora e depois da pandemia. Recentemente fiz uma conferência onde digo que o mesmo significado de *ubuntu* é o da palavra *nitey*. Essa palavra significa o equivalente a “tornar-se humano”. O verbo *nite* é um verbo em movimento. Ele define a humanidade não como um estado, algo fechado, mas como uma tarefa; você tem que se tornar humano. Por essa razão, numa abordagem comparativa, eu considero *ubuntu* e *nitey* com sentidos muito semelhantes, muito próximos no significado. Ok, não estou negando

We have learned to express our spirituality in different ways, even if we are isolated from the pandemic.

I have to say that Pope Francisco`s attitude was very healthy. In a country like mine, Senegal, where 95% of the population is Muslim and 5% Catholics, in a way, the fact that, from the beginning, Pope Francisco took the right attitude and said “no services”, “without face-to-face celebrations”, this attitude was very useful. Other religions were also cautious. Islam, for example, which also decreed the closure of mosques for public health reasons, and so on, has become easier from the example of the Pope. With this attitude, he was (and still is) a religious and political leader, without a doubt. But I am partial in commenting on this subject and on Pope Francisco, because I like him very much (laughs).

What elements of African culture and philosophy cannot be left outside in the moment in which we are living?

In some previous answer, I highlighted the word ubuntu, as an important element of African culture that can help us to rethink our way of existing in the world now and after the pandemic. I recently did a conference where I say that the same meaning of ubuntu is that of the word nitey. That word means the equivalent of “becoming human”. The verb “nite” is a moving verb. He defines humanity not as a state, something closed, but as a task; you have to become human. For this reason, in a comparative approach, I consider ubuntu and nitey with very similar meanings, very close in meaning. Okay, I`m not denying that South Africa is one culture and Senegal is another. But I take this

que a África do Sul é uma cultura e no Senegal é outra. Mas eu faço essa abordagem comparativa tentando enxergar duas expressões convergentes do humanismo africano. Elas tentam nos mostrar que a responsabilidade humana é, primeiramente, entender que a humanidade é uma tarefa. Nós precisamos responder a esse chamado de ser humano. É um chamado a ser humano. E, além disso, o histórico dessas noções humanísticas de *nitey* e *ubuntu*, são as cosmologias tradicionais africanas que são cosmologias de forças vitais que interconectam tudo. Tudo é interconectado. Nada é inerte. E eu acredito que o nosso trabalho precisa desse tipo de epistemologia ou cosmologia, porque nós temos de sair, transcender, esse paradigma do humano mestre e dono da natureza. Estamos destruindo nosso meio ambiente graças a essa ideia do ser humano como mestre e dominador da natureza. Precisamos captar novamente o significado fundamental das cosmologias tradicionais africanas e também as cosmologias tradicionais americanas, das Américas, que têm um relacionamento totalmente diferente entre o ser humano e o seu ambiente; e que também envolve uma responsabilidade do ser humano por essa humanidade. Eu acredito que esta também é a mensagem das religiões de Abraão. Me parece que essa é a mensagem fundamental deles também, ou seja, a única razão pela qual o ser humano é o centro da criação é porque ele tem responsabilidade de colaborar com Deus, em atingir a sua criação. Isso também é algo que eu já expressei em meu trabalho sobre Muhammad Iqbal.

O que se esperar, ou sonhar, da humanidade no cenário pós-pandêmico?

Você está correto em usar o verbo “sonhar” porque nós apenas podemos sonhar ou esperar

comparative approach by trying to see two converging expressions of African humanism. They try to show us that human responsibility is, first, to understand that humanity is a task. We need to respond to this call to be human. It is a call to be human. And, furthermore, the history of these humanistic notions of nitey and ubuntu, are traditional African cosmologies that are cosmologies of vital forces that interconnect everything. Everything is interconnected. Nothing is inert. And I believe that our work needs this kind of epistemology or cosmology, because we have to go out, to transcend, this paradigm of the human master and owner of nature. We are destroying our environment thanks to this idea of the human being as a master and dominator of nature. We need to capture again the fundamental meaning of traditional African cosmologies and also traditional American cosmologies, from the Americas, which have a totally different relationship between human beings and their environment; and that it also involves a human being's responsibility for that humanity. I believe that this is also the message of Abraham's religions. It seems to me that this is their fundamental message too, that is, the only reason why human beings are the center of creation is because they have a responsibility to collaborate with God, to achieve his creation. This is also something that I have already expressed in my work on Muhammad Iqbal.

What is expected (or dreamed) of humanity in the post-pandemic scenario?

You are correct in using the verb “to dream” because we can only dream or hope that humanity will learn the right lessons from this

que a humanidade vai aprender as lições certas desse acontecimento e entender o que significa atingirmos juntos a nossa humanidade. Temos modelos de desenvolvimento que possam ser mais focados no ser humano do que focados somente em crescimento, poder, lucro etc. Estamos morrendo devido a isso. O querer demais, a competição, já mostraram sua característica perigosa durante essa pandemia. Temos que lembrar da briga por máscaras e agora a briga por vacinas. Temos que construir juntos nossa humanidade e temos que aprender, no contexto pós-pandêmico, duas coisas: colocar o ser humano no centro do processo de desenvolvimento e desenvolver o multilateralismo. Precisamos fazer isso para enfrentarmos o que está nos ameaçando em conjunto: a pandemia, mas, também, a deterioração do nosso meio ambiente. Isso é multilateralismo. Nós precisamos de um mundo multilateral onde valorizamos a pluralidade de vozes e não ouvir apenas a voz dos poderosos. A voz de todos tem de ser ouvida.

Como um estudioso e interessado na ciência, como você a vê nesse cenário pandêmico e no contexto das fake news?

Essa é uma pergunta fundamental do nosso tempo. Quanto mais tempo se passou e a gente olha para a nossa história, e tudo o que enfrentamos com calma, vamos perceber que fomos felizes em perceber como a ciência funciona. Estamos tão acostumados a ter uma ciência pronta, com resultados bem acabados e formatados — por exemplo, o conhecimento médico para a cura da varíola é X; nós sabemos lidar com este ou aquele mal. Mas, durante essa pandemia, o que nós vimos foi a ciência funcionando, ou melhor, vimos a operação da ciência; a ciência começando do zero; vimos nascer a ciência a partir

event and understand what it means to reach our humanity together. We have development models that can be more focused on human beings than on growth, power, profit etc. We are dying because of this. Too much wanting, competition, has already shown its dangerous characteristics during this pandemic. We have to remember the fight for masks and now the fight for vaccines. We have to build our humanity together and we have to learn, in the post-pandemic context, two things: placing the human being at the center of the development process and developing multilateralism. We need to do this to tackle what is threatening us together: the pandemic, but also the deterioration of our environment. This is multilateralism. We need a multilateral world where we value the plurality of voices and not just hear the voice of the powerful. Everyone's voice has to be heard.

How does a scholar like you, interested in science, see this same science in this pandemic scenario and in the context of fake news?

This is a fundamental question of our time. The more time that has passed and we look at our history, and everything we face calmly, we will realize that we were happy to understand how science works. We are so used to having a ready science, with well-rounded and formatted results - for example, the medical knowledge for curing smallpox is X; we know how to deal with this or that evil. But, during this pandemic, what we saw was science working, or rather, we saw the operation of science; science starting from scratch; we saw science born out of ignorance. Scientists, virologists and epidemiologists did not know

da ignorância. Os cientistas, virologistas e epidemiologistas não sabiam nada sobre esse vírus, de início. Isso nos possibilitou observar que a ciência não é apenas um prédio construído e acabado de conhecimento. Ele é um empreendimento bagunçado. Inicia-se com conjecturas e suposições; e aí, em algum momento, essas hipóteses mudam. Hoje se tem uma teoria, mas amanhã se descobre uma nova evidência e as coisas mudam de rumo novamente. Mas, ao mesmo tempo, conseguimos enxergar esse maravilhoso aspecto da ciência que é observar a inteligência humana se unindo, de diferentes lugares do mundo, com um único propósito: criar uma vacina e atingindo esse maravilhoso resultado em um ano. Poder perceber esse aspecto da inteligência humana se realizando deve ser motivo de maravilhamento para nós, e não de crise ou desconfiança em relação aos resultados. O fato de não sermos especialistas dessas áreas de pesquisa científica no campo da saúde não coloca em dúvida, ou não deveria colocar, os maravilhosos resultados alcançados com tantos esforços pela atividade científica. Tivemos, durante essa pandemia, a possibilidade de acompanhar um pouco os bastidores das pesquisas e ver a ciência em movimento, em criação.

Um filósofo da ciência chamado Karl Popper disse que a ciência consiste justamente no processo de conjecturas e refutações. A ciência lança uma hipótese para ser refutada e, a sua refutação apontará os possíveis erros ou falhas da teoria para se poder avançar, com segurança, nas pesquisas. Reafirmo, isso foi algo que pudemos observar durante a criação da vacina para a Covid-19.

Conectando essa reflexão com as Fake News, isso foi justamente o que as alimentou. Como a ciência, em atividade, é um pouco confusa e bagunçada, pessoas que postulam teorias conspiratórias se aproveitaram dessa situação para

anything about this virus at first. This enabled us to observe that science is not just a building constructed and finished with knowledge. He's a messy undertaking. It starts with conjectures and assumptions; and then, at some point, those assumptions change. Today you have a theory, but tomorrow you find new evidence and things change course again. But, at the same time, we are able to see this wonderful aspect of science, which is to observe human intelligence coming together, from different places in the world, with a single purpose: to create a vaccine and achieving this wonderful result in one year. To be able to perceive this aspect of human intelligence taking place must be a reason of wonder for us, and not of crisis or distrust in relation to the results. The fact that we are not specialists in these areas of scientific research in the health field does not doubt, or should not, the wonderful results achieved with so many efforts by scientific activity. During this pandemic, we had the opportunity to follow the research behind the scenes and see science in movement, in creation.

A philosopher of science named Karl Popper said that science consists precisely in the process of conjecture and refutation. Science launches a hypothesis to be refuted and, its refutation, will point out the possible errors or flaws of the theory in order to be able to advance, safely, in research. I reaffirm, this was something we were able to observe during the creation of the vaccine for Covid-19.

Connecting this reflection with Fake News, that was exactly what fueled Fake News. As science, at work, is a little confused and messy, people who post conspiracy theories took advantage of this situation to invent false stories,

inventar histórias falsas, falsas narrativas do tipo “não existe pandemia”, “essa vacina é um perigo. Ela não funciona”, “não adianta usar a máscara”, “isso tudo é um complô”, etc. Então, estávamos em uma época que era muito interessante, onde uma grande nuvem escura se pôs sobre nós, mas também havia luzes que começavam a ser projetadas pela ciência. É incrível ver que os cientistas, entre eles, se percebem vivendo no mesmo país, o país da ciência. São os políticos que subvertem o sentido das coisas, que tentam dar uma característica nacionalista do primeiro país a encontrar uma fórmula para a vacina; depois o primeiro a começar a vacinar; etc. etc. etc. Mas os cientistas não têm essa dimensão. Eles compartilham ideias, pesquisas, resultados. E por quê? Porque eles tinham a mesma meta: proteger a vida. Esse é o lado de onde emerge a luz para o momento em que estamos vivendo. Só que este aspecto meio bagunçado do empreendimento científico foi o que alimentou as *Fakes News* e as teorias conspiratórias. Isso também é, a meu ver, fruto da intervenção política, no seu pior sentido. Não estamos aqui falando de política — no seu aspecto mais nobre que é o de organizar a *polis*, a cidade.

Para mim, apesar de todas as dificuldades que enfrentamos e teremos que enfrentar, vivemos uma época muito interessante nesse sentido da atividade científica. Precisamos de certo tempo ainda para reconhecermos isso. Mas acredito que ainda teremos excelentes reflexões a serem colhidas e compartilhadas a respeito do que nós passamos.

false narratives like “there is no pandemic”, “this vaccine is a danger”, “it doesn’t work”, “there’s no use wearing a mask”, “this is all plotting” etc. So, we were in a time that was very interesting, where a big dark cloud was over us, but there were also lights that were beginning to be projected by science. It is incredible to see that scientists, among them, find themselves living in the same country, the country of science. It is the politicians who subvert the meaning of things, who try to give a nationalist characteristic to the first country to find a formula for the vaccine; then the first to start vaccinating etc. etc. etc. But scientists don’t have that dimension. They share ideas, research, results. Why so? Because they had the same goal: to protect life. This is the side where the light emerges for the moment in which we are living. Only this somewhat messy aspect of the scientific endeavor was what fueled Fakes News and conspiracy theories. This, in my view, is also the result of political intervention, in its worst sense. We are not talking about politics here - in its most noble aspect, which is to organize the polis, the city.

For me, despite all the difficulties that we face and will have to face, we live in a very interesting time in this sense of scientific activity. We still need some time to recognize this. But I believe that we will still have excellent reflections to be collected and shared about what we have been through.



**Instituto
Ciência e
Fé PUCPR**



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo